

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

O perfil do desenvolvimento econômico da cidade de Salto

Prof. Dr. Márcio Magera Conceição PhD

Trabalho de TCC apresentado para obtenção do título de Bacharel em Ciência Econômicas na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC, ano de 1992, orientador Prof. Carlos Brito

Considerações do autor

Este trabalho foi apresentado à apreciação de três mestres em história da cidade de Salto. Abaixo o parecer de cada um:

“Dá uma boa visão geral da história econômica da cidade de Salto” Profa. Anicleide Zequini Rossi, Unicamp.

“Espelha muito bem o desenvolvimento econômica da cidade de Salto, bem como sua história industrial” Ettore Liberalesso, historiador.

“O trabalho dá um panorama do perfil do desenvolvimento econômica da cidade de Salto, muito interessante” Prof. José R. Merlin, Puc.

Trabalho publicado no ano de 1994 em formato de livro pela Editora NOSSAGRAF, Itu, São Paulo.

Reeditado em novembro de 2020, pelo autor, para publicar na revista RECIMA21, formato de TCC.

Vista aérea da cidade de Salto



Fonte: Postal Colombo, retirado do livro em CDROM "Biografia o relato de um povo", data possível da foto, década de 40.

RESUMO

O TCC trata de traçar o perfil econômica da cidade de Salto, levantando seus aspectos referentes ao desenvolvimento econômico a partir do ciclo do ouro (século XVIII) até a década de 80 do século XX, ressaltando os ciclos para seu desenvolvimento no contexto histórico do Brasil.

ABSTRACT

The TCC tries to trace the economic profile of the city of Salto, raising its aspects related to economic development from the gold cycle (XVIII century) until the 1980s of the XX century, highlighting the cycles for its development in the historical context of Brazil .

SUMÁRIO

Introdução.....	5
Parte I – Como tudo começou	
Capítulo I - A importância do ciclo do ouro para a região de Itu.....	6
A Origem da cidade de Salto.....	6
Capítulo II – A produção da cana-de-açúcar e do algodão na região de Itu.....	8
Capítulo III – Os ciclos industriais da cidade de Salto.....	12
Primeiro ciclo industrial	12
Segundo ciclo industrial.....	14
Terceiro ciclo industrial.....	16
Anexo 1.....	18
Parte II – Uma análise econômica	
Capítulo IV – Dados estatísticos do crescimento econômico da cidade de Salto.....	19
Crescimento populacional da cidade de Salto.....	19
Estrutura de emprego.....	23
Estabelecimentos comerciais, atacado e varejo.....	24
Posição de Salto entre os municípios mais desenvolvidos do país.....	26
Estrutura de renda, em salário mínimo da população economicamente ativa do município ano de 1980.....	27
Conclusão.....	29
Referências bibliográficas.....	30
Capa do livro.....	32

Introdução

Esse trabalho tem como finalidade traçar o perfil econômico da cidade de Salto, levantando aspectos referentes ao desenvolvimento econômico a partir do ciclo do ouro (século XVIII) até a década de 80 do século XX, e que são relevantes para o entendimento do quadro das relações econômicas do município de Salto. Como não poderia deixar de ser, Salto como a maioria dos municípios em expansão, teve como fatores importantes para seu desenvolvimento econômico os ciclos do ouro, da cana-de-açúcar e do algodão.

Com uma posição geográfica privilegiada e abastecida por dois rios de grande volume de água (Tietê e Jundiáí), - energia hidráulica (1875) e depois produção de energia elétrica (1906) – a cidade de Salto inaugurou no ano de 1875 sua primeira indústria têxtil, que criou condições para que muitas outras empresas do setor se instalassem no município no início do século XX.

Este crescimento industrial foi responsável pela imigração italiana no início do século vinte, quando mais de 100 famílias se instalaram na cidade para vender sua força de trabalho para os capitalistas locais. Iniciou-se assim, o primeiro ciclo industrial.

Ficando por mais de 40 anos sob o domínio de uma única empresa – Ítalo-Americana que incorporou ao seu capital as pequenas indústrias têxteis e a Fábrica de Papel instaladas no município, que não resistiram a crise mundial do capitalismo por volta de 1896. Esta empresa mudou sua razão social em 1919 para indústria Brasital S/A – empresa de capital nacional e estrangeiro. A cidade de Salto veio a conhecer seu segundo ciclo de desenvolvimento industrial na década de 50, a partir de então verificar-se um crescimento no setor secundário, dando uma nova estrutura socioeconômica para o município.

Com a maturação do segundo ciclo industrial, a cidade permaneceu estagnada durante a década de 60, e só em 1973, com a criação de três distritos industriais e incentivos fiscais é que a administração local conseguiu atrair novas empresas, refletindo uma participação ativa da interiorização da indústria ocorrida na década de 70 – a procura de melhores condições para instalações, adequações físicas, aparelhos públicos, água, esgoto, energia elétrica, as empresas começaram a se transferir para o interior do Estado. Registrando a partir deste ano, (1973) o terceiro ciclo industrial do município.

Com as indústrias, chegaram também os problemas, e a falta de infraestrutura de serviços públicos e sociais foi a principal responsável pela queda da qualidade de vida dos moradores da cidade. Com a imigração de mais de 10.000 trabalhadores no final da década de 70, os problemas sociais aumentavam e os resultados do aumento populacional forma a sub-moradia e o aparecimento da economia informal na região.

Parte I – Como tudo começou

Capítulo I – A importância do ciclo do ouro para a região de Itu

A importância do ciclo do ouro, para a região de Itu, foi fundamental para seu desenvolvimento, que se deu em virtude da acumulação de capitais promovida por este ciclo, favorecendo alguns comerciantes locais ligados a essa atividade, como descreveu em sua dissertação de mestrado Anicleide Zequini Rossi, “Com o descobrimento do ouro em Cuiabá no século XVIII, a região de Itu passou a fazer parte da imensa rede de vias e lugares que assinalaram o povoamento do Sertão, o que contribuiu para amenizar o isolamento geográfico e também para a formação daquela sociedade”, pág.25.

Sabe-se que o ciclo do ouro – início do século XVIII – permitiu para o Brasil a ocorrência de uma grande expansão demográfica, que provocou alterações na estrutura da população – escravos passaram a ser minoria e europeus passaram a ser maioria. Essa expansão demográfica trouxe consigo uma oportunidade maior do interior participar efetivamente do desenvolvimento do país, trazendo uma inovação para a colônia – um ciclo migratório europeu com pessoas sem muito recursos, em virtude das explorações das minas serem de pequeno porte.

Estes aventureiros se deslocaram para o Brasil, mais precisamente para a Serra do Mantiqueira (Estado de Minas Gerais), e também Cuiabá no Mato Grosso, passando por Goiás. As expedições que traziam esses aventureiros do ouro para o interior vinham do planalto paulista, parando para abastecer e repousar na cidade de Itu – à qual a cidade de Salto pertenceu até 17 de março de 1889. O rio Tietê, ao contrário de muitos rios de seu porte, não deságua no Oceano Atlântico, nascendo na parte ocidental da Serra do Mar em Salesópolis, passa pela grande São Paulo, adentra pelo interior do estado, vindo a desaguar no rio Paraná. Daí sua importância neste contexto histórico.

O fim do ciclo do ouro (final do século XVIII) e a mudança de rota dos colonos que se dirigiam às regiões mineiras, não mais passando pela região de Itu, fizeram com que o comércio que abastecia as expedições entrasse em decadência. Esta mudança de rota ocorreu porque as expedições começaram a ser feitas por terra, onde o caminho era mais curto e o percurso era realizado em menor tempo. Na época, alguns ituanos passaram a investir na cultura da cana-de-açúcar, com retrata Anicleide Zequini Rossi, “No entanto, se a mudança da rota do ouro fez com que gradativamente o comércio ligado a esta atividade desaparecesse, por outro lado possibilitou uma significativa acumulação de riquezas por alguns ituanos que passaram a investir na compra de terras e na cultura de cana-de-açúcar favorecendo mais uma vez a Vila de Itu”, pág. 28.

Neste período o pequeno Povoado de Salto de Itu, contribuía com o comércio regional, fornecendo os produtos que seriam vendidos na Vila de Itu para os aventureiros com destino às minas de Cuiabá, e outras regiões da Serra da Mantiqueira. Era do Porto Góes, logo abaixo da cachoeira do Salto, que por volta de 1750, saíram pequenas expedições em busca do ouro.

A origem da cidade de Salto

No final do século XVII, o capitão Antônio Vieira Tavares adquiriu terras que antes pertenciam à capitania de São Vicente, habitadas pelos índios Guaianazes, obtendo permissão para construir em seu sítio denominado Cachoeira, uma capela a onde foi celebrada a primeira missa no dia 16 de junho de 1698, data considerada como da fundação da cidade de Salto.

O Capitão Antônio Vieira Tavares não queria manter todo aquele sítio sob sua guarda, sua vontade era que o sítio se tornasse uma cidade, sendo assim, no ano de 1700, fez a doação à Capela Nossa Senhora do *Mont Serrat* de suas terras, assim como de seus escravos e gentios, ocorrendo neste momento a descentralização econômica do sítio – toda a administração era concentrada em sua pessoa, fazendo a doação o Capitão Antônio Vieira Tavares dava início a vida própria e ao desenvolvimento do povoado.

É importante salientar que o povoado de Salto de Itu destacou-se no período do ciclo do ouro, apesar de não ter na época vida autônoma como município. O sítio Cachoeira, como era chamado, despertava interesse, principalmente pelos seus recursos hídricos e suas belezas naturais que atraíam visitantes de todo o país e do exterior.

Capítulo II – A produção da cana-de-açúcar e do algodão na região de Itu

Como já foi visto, como o declínio do ciclo do ouro, os comerciantes locais que sobreviviam da venda de produtos consumidos pelas expedições que transitavam pela região de Itu, passaram a investir o que tinham acumulado até então na compra de terras e na cultura da cana-de-açúcar, fazendo com que o comércio local e à acumulação de capital aplicado na agricultura se desenvolvessem.

A expansão da cultura canavieira trouxe um grande crescimento de engenhos na região de Itu, e por volta de 1783, a região era a maior produtora de açúcar da Província de São Paulo, como retrata em seu livro Ulisses C. Semeghini, “O aumento da demanda na Europa e a desorganização da produção nas colônias francesas, na última década do século XVIII , criaram as circunstâncias externas favoráveis à exportação, e no começo do século XIX, a produção e a exportação do açúcar já era a mais importante atividade econômica paulista. A primeira área produtora na capitania foi uma parcela do território situada a Oeste da capital, chamado quadrilátero do açúcar, compreendendo Mogi-Guaçu, Jundiaí, Sorocaba e Piracicaba. Em 1817 havia em São Paulo 458 engenhos de açúcar de aguardente e 100 desses engenhos localizavam-se em Itu”. pág. 15.

Este período, que vai de 1790 à 1850, trouxe para o município de Itu um grande desenvolvimento econômico e o Povoamento de Salto de Itu saiu favorecido por estar ligado a este complexo, embora o excedente econômico se dirigisse para Itu, onde residiam os proprietários dos engenhos, Salto era meramente local de produção.

O desenvolvimento econômico da região compreendendo as cidades de Itu, Mogi-Guaçu, Jundiaí, Sorocaba e Piracicaba, dependia muito do que estava se passando no Brasil naquele momento, pois o país ainda era uma colônia (até, 1822), e, como tal, o único objetivo era gerar lucros para a Metrópole. Este quadro gerou conflitos de interesses entre a burguesia comercial nativa com a burguesia metropolitana, especialmente ao longo do século XVIII. A burguesia comercial nativa compunha-se de pessoas que tinha nascido no Brasil e não aceitavam o monopólio comercial exercido pela Metrópole Portuguesa, que levavam grande parte de seus lucros, e também o descaso com que Portugal tratava a colônia brasileira, estes fatos culminaram com a cultura da independência.

Mesmo com a expansão do café que se deu no fim do século XIX, a região de Itu permaneceu com a cultura da cana-de-açúcar. Já no ano de 1860, paralelamente à atividade açucareira era grande a presença das plantações de algodão – cultura que também foi responsável pelo aparecimento de fábricas de tecidos na região.

A atividade industrial na Inglaterra era intensa neste período e a procura por algodão cresceu muito, o que despertou o interesse de alguns produtores da região de Itu para o plantio. Tanto a cidade de Sorocaba como a de Itu, tornaram-se os primeiros centros de expansão da cultura na Província de São Paulo, como descreveu Anicleide Zequini Rossi, “Com o objetivo de regularizar o abastecimento de algodão para as fábricas inglesas, despertou o interesse de alguns fazendeiros de Sorocaba e depois de Itu para aquela cultura. Estas duas localidades tornaram-se os primeiros centros de expansão da cultura do algodão da província de São Paulo”, pág. 38.

Diante deste quadro econômico, verifica-se que o capital que deu origem às primeiras indústrias da cidade de Salto, originou-se da cultura da cana-de-açúcar e da cultura do algodão, contrariamente ao que ocorreu em grande parte do Estado de São Paulo, em que a produção e a comercialização do café deram origem ao capital industrial, como relata Ulisses C. Semeghini, “A produção e a comercialização do café criaram as condições para o nascimento da indústria, ao proporcionarem à acumulação dos capitais, a matriz do capital industrial foi o capital cafeeiro, tanto o empregado na atividade nuclear (a plantação do café), quanto os que financiaram o segmento do complexo”, pág.75.

Destacando-se na região, por seu grande crescimento econômico e pelo apoio ao Império, a cidade de Itu, recebeu do Imperador Dom Pedro I, o título de Fidelíssima em 1823, e após 50 anos, torna-se o Berço da República, após convenção realizada na cidade. Salto, por sua vez recebeu nesse período, duas visitas de Dom Pedro II – a segunda com o objetivo de conhecer duas fábricas de tecidos instaladas no município – as primeiras do Estado de São Paulo.

Apesar do Brasil registrar seu processo de industrialização após a metade do século XIX, ainda não possuía as bases técnicas adequadas à acumulação de capital, ou seja, não existiam internamente as bases materiais para a produção de bens de capital e outros meios de produção. Desta forma, assiste-se a uma fase de crescimento industrial e não a um processo de industrialização, como só veio a ocorrer na metade do século XX. Como retrata João Manuel Cardoso de Mello “Penso que em 1933 se inicia uma nova fase do período de transição, porque a acumulação se move de acordo com um novo padrão. Nesta fase, que se estende até 1955, há um processo de industrialização restringida. Há industrialização, porque a dinâmica da acumulação passa a se assentar na expansão industrial, ou melhor, por que existe um movimento endógeno de acumulação, em que se reproduzem conjuntamente, a força de trabalho e parte crescente do capital constante industrial”, pág.110.

A cultura do algodão contribuiu para potencializar o processo de industrialização, principalmente na região de Itu, onde foi acompanhado de perto pela cultura da cana-de-

açúcar que subsistiu. O algodão sendo uma cultura temporária contribuiu para utilização de mão de obra, ofertando emprego para os trabalhadores livres da região.

Nesse período (1868), o Povoado de Salto de Itu, possuía somente uma indústria de velas de cera de pequeno porte, que atendia apenas aos moradores da região, a cidade contava com 50 casas, algumas firmas comerciais, um teatro e aproximadamente 230 moradores.

O Povoado de Salto de Itu começou a mudar após a realização do primeiro levantamento topográfico, e, a partir daí, registra-se um plano de arruamento da vila. O lugar começou a tomar forma de cidade.

Como o Povoamento de Salto de Itu possuía recursos hídricos que favoreciam a implantação de uma indústria têxtil movida pela força da água, por volta de 1870, o fazendeiro de cana-de-açúcar José Galvão de França Pacheco Jr., que residia em Itu, começou a aplicar seu capital, investindo em alguns terrenos e casas, pertencentes aquela localidade. Já no ano de 1875, inaugurava a primeira fábrica de tecidos, a Júpiter, com uma área de 1.240 m² construídos junto à cachoeira do rio Tietê, utilizando a queda da água para mover as máquinas. No ano de 1882, o Dr. Francisco Fernando de Barros Jr. Inaugurou a segunda tecelagem do povoado – Fortuna, com 7.800 m² construídos – que também utilizava a força da água como força motriz.

Na Freguesia de Salto como passou a ser chamado o Povoado de Salto de Itu – Brasil, Assembleia Legislativa da Província de São Paulo, Lei n 123, de 22 de abril de 1885 – foi implantada uma fábrica movida a vapor – a fábrica de tecidos Monte Serrat, de Pereira Mendes & Cia – fundada em 1887. Já no ano de 1889, a cidade comemorava sua maior conquista: a inauguração da primeira fábrica de papel da América Latina – a Melchert & Cia.

O que determinava o surgimento das primeiras fábricas têxteis e outras na região sorocabana (Sorocaba, Salto e Tatuí), era o fato de serem localidades ricas em algodão, força hidráulica e bem servidas de linhas férreas.

Assim, Salto começou a fortalecer-se economicamente após a chegada da Estrada de Ferro Ituana, inaugurada em 1873. O transporte era fundamental naquela época para a chegada da matéria prima, máquinas, força de trabalho e o escoamento da produção. Conclui-se que a Freguesia de Salto, nesta época, teve sua primeira fase de desenvolvimento industrial. Isto se assemelha ao surto industrial do Brasil, como descreveu José Roberto Merlin, “É praticamente no último quartel do século XIX, que surge no Brasil o que muitos autores chamam de nosso primeiro surto industrial”, pág. 30.

A chegada de ferrovia trouxe uma verdadeira revolução na economia, tanto na região de Itu como em todo o Brasil. Ela propiciou o aumento das margens de lucro por reduzir o frete e eliminar perdas, como o transporte em muares que era moroso e estragava boa parte da carga. Este fato liberou uma boa parcela de capital investido em muares e escravos, e, com isto aumentou o potencial de acumulação de capital. Surge então um novo período na economia brasileira.

O período de industrialização brasileira surge em uma época de crise, na qual o capitalismo mundial, por volta de 1873/1896, punha fim à etapa concorrencial e iniciava a etapa monopolista de capital. Este período histórico caracteriza bem a especificidade das industrializações tardias latino-americanas, isto é, esta especificidade estaria duplamente determinada pelo seu ponto de partida – o passado colonial e pelo seu momento de industrialização em uma etapa monopolista. Como descreveu Manuel Cardoso de Mello, pág. 98.

Quando finda o monopólio inglês e se inicia o monopólio exercido por um grupo de potências capitalista mundiais, verifica-se a agudização das rivalidades entre potências, na luta pela conquista e divisão dos mercados mundiais, isto resulta na Primeira Grande Guerra Mundial, em 1914.

Capítulo III – Os ciclos industriais da cidade de Salto

Primeiro ciclo industrial

A implantação de uma indústria no Povoado de Salto de Itu (que tinha por volta de 1878, pouco mais de 280 habitantes, setenta casas, duas escolas públicas, um hotel) era uma situação privilegiada em relação à dos outros povoados da região que continuavam com suas bases econômicas em sua maioria voltadas ao setor primário – essencialmente as atividades diretamente ligadas à transformação do meio natural, a agricultura, pesca, atividades florestais, pecuária, etc.

A fábrica de José Galvão, a primeira a ser implantada no Povoado de Salto de Itu, inaugurada em 1875, teve suas máquinas compradas da Inglaterra por 6.722 libras esterlinas para pagamento em três parcelas. Contava dois anos depois com uma força de trabalho de 75 pessoas, entre as quais havia 11 homens, 52 senhoras, 12 meninos de idade entre 12 e 15 anos, todos brasileiros, sob a direção de três encarregados ingleses, como descreveu Anicleide Zequini Rossi, pág. 85. Este quadro mostra claramente o peso do trabalho feminino na época, além do uso de crianças substituindo os homens. Isto era comum no sistema capitalista, os salários pagos à mulheres e crianças eram menores e não havia necessidade de força física, as máquinas faziam o serviço pesado.

Outra especificidade do desenvolvimento econômico de Salto, está na adoção de trabalhadores livres nacionais, e isto, em uma região cercada de propriedades escravistas era atípico no contexto regional. No ano de 1884, Salto tinha um total de 781 habitantes e cerca de 170 casas. Deste total de habitantes, 747 eram livres e 34 escravos.

José Galvão, proprietário da fábrica Júpiter, precisou de um empréstimo para compor o capital inicial da pequena indústria, e boa parte do dinheiro originou-se dos importadores Samuel, Irmão & Cia. Não conseguindo cumprir com os compromissos firmados, arrendou sua fábrica por 30 meses, como descreveu Anicleide Zequini Rossi, “A inexperiência e o grande investimento necessários para a construção e compra da maquinaria para a fábrica de Galvão, aliados às enormes exigências estipuladas no contrato quando ao pagamento dessas mesmas aquisições colocaram o seu proprietário numa situação bastante difícil frente aos importadores Samuel, Irmão & Cia. Como resultado, em 9 de abril de 1877, foi lavrado em cartório no Rio de Janeiro um contrato de arrendamento por 30 meses entre esta importadora e Galvão, como condição para o pagamento a dívida de 90:737\$150 réis (noventa contos e setecentos e trinta e sete mil e cento e cinquenta réis) por saldo de contas procedentes da compra e assentamento de máquinas de fiar e tecer algodão, em sua fábrica de tecidos”, pág. 75.

O crescimento econômico de Salto atraía cada vez mais empresários que queriam implantar suas indústrias no município. Como ocorreu em 1882, com a inauguração da segunda fábrica de fiação e tecelagem do Dr. Barros, Jr. Denominada Fortuna, que veio para disputar a mão de obra existentes e as vantagens que o lugar oferecia para esse ramo industrial. No ano de 1885 registra-se também a implantação de uma fábrica de meias, do Sr. José P. Tibiriçá. E ainda em 1887, surge a fábrica de tecidos Octaviano Pereira Mendes & Cia, movida a vapor, uma inovação para a região que até aquele momento só utilizava força hidráulica como força motriz.

Com todo esse crescimento industrial, a cidade de Salto despertava interesse entre os trabalhadores da região. Esses trabalhadores viviam da agricultura, pecuária e outros setores da economia primária. A cidade sendo mais atraente do que o campo e a indústria gerando uma qualidade de vida melhor, provocaram na época, um grande êxodo rural.

Com o crescimento industrial e populacional e o fortalecimento político-econômico, o município de Salto conquistou sua emancipação em março de 1889.

Com a depressão capitalista mundial de 1873/1896, empresas pequenas foram incorporadas por grandes companhias sob forma de sociedades anônimas, pondo fim a um grande número de empresas personificadas em seus proprietários. Como ocorreu com as fábricas de tecidos de José Galvão e Dr. Barros, Jr., que foram agregadas pela fábrica de José Weissshon & Cia em 1898. Já em 1904, a *società per l'Industria* Ítalo-Americana incorpora a fábrica de José Weissshon & Cia e a fábrica de Papel ao seu capital, pondo fim às pequenas indústrias e iniciando o período de capital acionário (conforme anexo, 1).

No ano de 1905, a cidade de Salto ganhava mais uma indústria têxtil, “A Fábrica Nova”, a atual York S/A, que vinha para compartilhar a mão de obra existente e os benefícios que o local oferecia – linhas férreas, boa localização em relação a capital, abastecida por dois rios de grande volume (Tietê e Jundiá). Em 1910, apareceram as primeiras fábricas de bebidas, as vinícolas Donalísio e Milioni, além da exploração comercial de granitos encontrados em grande abundância no município.

Com todo esse crescimento industrial, o município de Salto recebeu no início do século, imigrantes, principalmente os italianos que saíam da Itália devido aos problemas da unificação política do país. Os italianos forneceram mão de obra qualificada para as indústrias têxteis locais, contribuindo também na formação cultural da cidade.

Com a chegada de um novo poder econômico, concentrando quase todo o poder produtivo em uma única empresa – Ítalo-Americana – que dominava a cidade e projetava seu desenvolvimento, pois, em 1918, Salto possuía pouco mais de 5.000 habitantes e 1.300

trabalhavam nesta empresa. Nessa época, em franco desenvolvimento, os interesses da Ítalo-Americana se estendem para além da apropriação de terrenos públicos, construindo casas para seus funcionários, além de creches, escolas, etc.

Com o serviço de iluminação elétrica em 1907, usina hidrelétrica já em 1906, com um potencial de 1.700 KVA, suficiente para a demanda de toda a região (Salto-Itu), instalação da rede de água e esgoto, telefone, teatro e coletoria federal, Salto registra, de 1904 a 1919, um crescimento socioeconômico que colocou o município como um dos mais desenvolvidos do país.

Os constantes melhoramentos da cidade financiados em sua maior parte pela Ítalo-Americana, tinham como objetivo beneficiar esta empresa, que ficava isenta de impostos e mantinha o monopólio da mão de obra local. Com essas “manobras”, a população ganhava indiretamente, pois os problemas e as dificuldades encontradas pelos moradores eram solucionadas sem que seus salários nominais fossem afetados.

Em 1919, com a mudança de acionistas, a razão social da indústria Ítalo-Americana muda para Brasital S/A, formada com capital brasileiro e italiano que seguiu a mesma política da sua antecessora, estendendo seu domínio sobre a cidade. Assim, no ano de 1922, a Brasital S/A adquiriu a Companhia Ituana de Força e Luz – a Usina das Lavras -, tornando-se a única responsável pelo fornecimento de energia elétrica para o município até 1927.

A importância da cidade de Salto no início do século e a posição geográfica localizada entre dois rios (o Tietê e Jundiaí) utilizados como força motriz, foram os principais fatores que levaram Salto a ter uma grande concentração de indústrias em uma época em que poucos municípios se destacavam no setor.

Segundo ciclo industrial

O segundo ciclo de industrialização da cidade de Salto ocorreu na década de 50, quando o município estava muito concentrado na indústria têxtil e essa dependência gerava desempregos cíclicos. Com este quadro, o poder político local resolveu criar uma lei isentando por 20 anos, de todos os impostos e taxas municipais as indústrias que se instalassem dentro de três anos, a partir da publicação da lei pela Câmara Municipal, ocorrida no dia 16 de outubro de 1951. Com os benefícios dessa lei, e apostando no desenvolvimento da cidade, a administração pública acreditava que com a vinda de outras indústrias para o município, chegaria o fim da hegemonia da fábrica Brasil S/A, e uma disputa pela mão de obra iria de uma certa forma melhorar o poder aquisitivo dos trabalhadores locais e acentuar o desemprego estrutural.

As indústrias implantadas no município neste período – Eucatex, Emas, Picchi e Sivat-, juntas com as indústrias locais, as vinícolas Milioni e Donalísio, o Cortume Telesi, cerâmicas e pedreiras registraram grande crescimento econômico durante a década de 50, chegando a gerar cerca de 3.500 empregos no município.

O crescimento neste segundo ciclo de industrial, registrou um aumento de demanda por mão de obra, quando começaram a chegar os primeiros migrantes de outros estados e municípios que vinham vender sua força de trabalho. Com eles vinham também as famílias, registrando-se nesse período um grande crescimento populacional da cidade, que chegou quase a dobrar sua população em vinte anos (de 11.400 para 21.772 habitantes). Gráfico nº 1.

O período da industrialização brasileira em que se encaixa o segundo ciclo industrial de Salto, foi considerado de industrialização restringida, e ocorreu a partir da crise de 1929, com grande efeito sobre o setor cafeeiro que faz surgir um ponto de inflexão no desenvolvimento da economia brasileira, ou seja, a crise debilita o setor cafeeiro e permite o início de um processo de hegemonia do setor industrial. Nesse período, o país não tinha o setor de bens de produção, o D1 – máquinas construindo máquinas – plenamente instalado na economia, fato que ocorreu a partir do segundo governo de Getúlio Vargas – 1950/1954 – quando são tomadas várias iniciativas do ponto de vista da industrialização propriamente dita.

O governo de Juscelino Kubitschek lançou o Plano de Metas, que tinha claramente definida uma proposta de atuação do governo, especialmente nos setores de transporte e energia. Mais do que isso, havia uma proposta clara do governo de implementar o D1 na economia, condições básicas para sustentar um rápido processo de industrialização. Como escreveu o economista José Serra: “Foi a partir de meados dos anos 50 até o início dos anos 60 que a industrialização brasileira sofreu transformações estruturais decisivas. Esse Avanço foi realizado sob impulso do Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek (1956/1960), e caracterizou-se por uma intensa diferenciação industrial num espaço de tempo relativamente curto e articulada diretamente pelo Estado” pág. 75.

Aqueles que esperavam que com o desenvolvimento industrial, os desníveis sociais iriam desaparecer no Brasil, enganaram-se profundamente, porque eles se ampliaram, enquanto a dependência foi substituída pela presença do capital estrangeiro. Tornava-se evidente que a industrialização capitalista tinha como objetivo a valorização do capital e não o progresso e o bem estar social.

O governo municipal neste contexto histórico industrial, na década de 50, com a chegada de novas indústrias, investiu na infraestrutura de serviços públicos e sociais para poder receber os novos empreendedores e crescer com o país. A infraestrutura da cidade e o crescimento industrial latente beneficiavam de forma direta os trabalhadores que aqui chegavam com suas famílias, levando o município a um grande desenvolvimento socioeconômico, que se estagnou na década de 60, como quase tudo no país – renúncia do presidente Jânio Quadros, revolução de 64, desaceleração da economia, etc.

Terceiro ciclo industrial

O processo de industrialização, ficando praticamente estagnado na década de 60, leva o poder público da cidade de Salto a procurar um novo caminho de crescimento. Assim, no governo do prefeito Josias Costa Pinto (1973/1976), foram criados três distritos industriais, sendo concedida isenções de impostos municipais, que atraíram novamente várias indústrias de médio e grande porte, ampliando o mercado com mais de 5.000 novos empregos diretos.

Como em todo processo de industrialização, o novo ciclo da cidade de Salto sofre um grande aumento populacional, com imigrantes em sua maior parte, vindo do Estado do Paraná.

Em 1978 a população de Salto atingia a marca de 29.850 habitantes e saltou para 42.342 em 1980, ou seja em dois anos a cidade teve seu quadro populacional aumentado em 41,84% (gráfico, nº1). Este aumento da população desordenado sem infraestrutura de serviços públicos e sociais leva a cidade a registrar o início das primeiras favelas, além da frequente poluição dos rios e do ar. Com isto, a qualidade de vida dos moradores diminuiu, ao invés de melhorar com a chegada do terceiro ciclo de industrialização.

O terceiro ciclo de industrialização de Salto ocorreu após o período do “milagre econômico” brasileiro – 1967/1973, que se divide em dois subperíodos: O primeiro de 1967/1970, é um período em que o crescimento da produção se dá fundamentalmente em função da ocupação da capacidade produtiva já instalada e, como o período anterior 62/66 é de desaceleração da economia, significa que, a partir de 67 o resultado das reformas, aumentando o gasto, tanto público quanto privado, vai incidir sobre uma capacidade ociosa já existente. Isso permite que a produção cresça rapidamente, ocupando essa capacidade produtiva sem que seja necessário aumentar os investimentos.

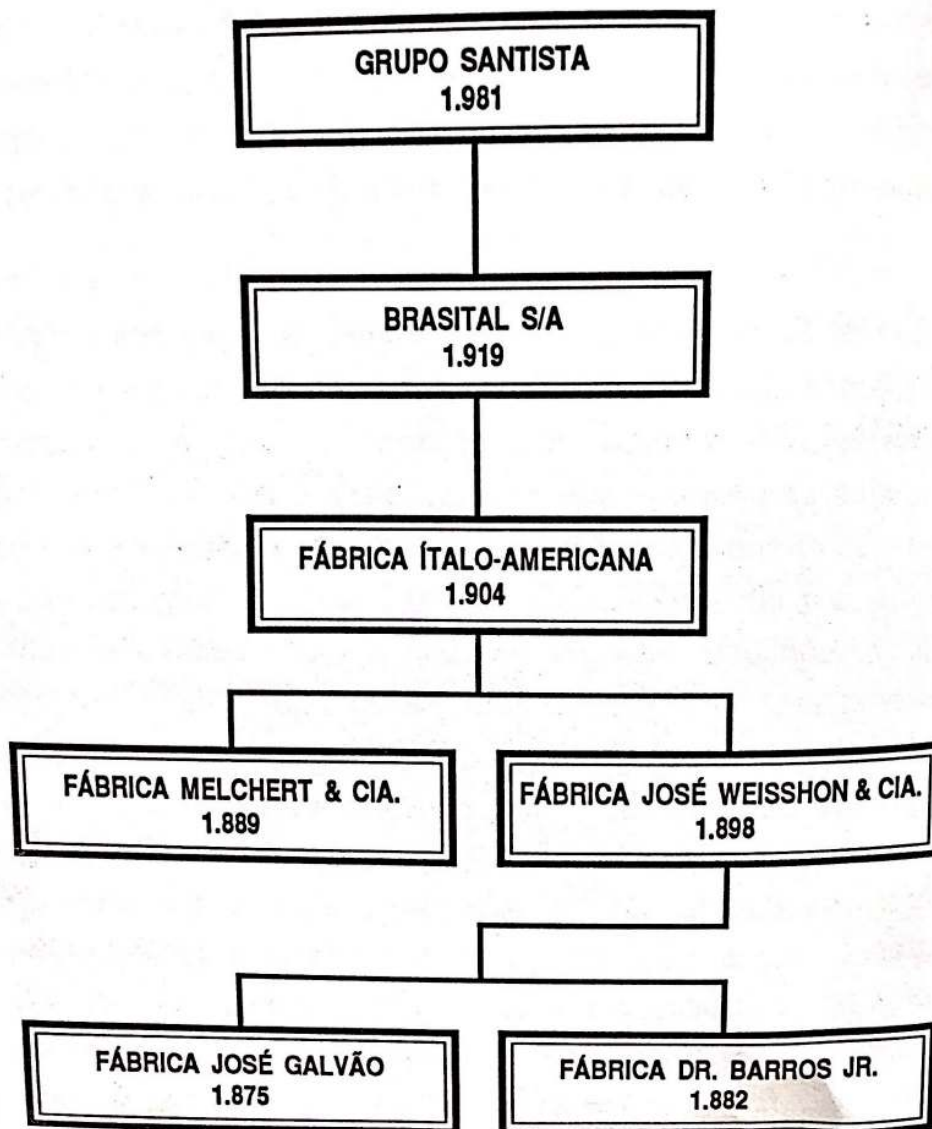
No Brasil, o período de 1970 a 1973 caracteriza-se por investimentos em formação bruta de capital fixo. Começa-se o investimento no setor D1 para criar capacidade nos setores que apresentavam insuficiência na capacidade de oferta, levando o período

considerado de “milagre econômico”, a um crescimento da estrutura produtiva que já existia na economia.

O município de Salto favoreceu-se com este “milagre econômico”, quando muitas empresas aqui se instalaram. Este período ficou conhecido nacionalmente como da “interiorização da indústria” – As indústrias vinham para o interior do estado atraídas pelos incentivos fiscais e facilidades de instalação. Registra-se novamente, um grande crescimento econômico e mais uma vez o município de Salto destaca-se na região recebendo um maior número de empresas.

Mas apesar de todo esse crescimento, o município de Salto entra na década de 80 com nova estagnação no setor industrial, refletindo bem o que se passava em todo o país naquele momento, um período de recessão causada principalmente pelo esgotamento da forma como era financiada o crescimento econômico até então. Outros fatores externos ajudaram como a elevação das taxas de juros internacional, a diminuição dos recursos excedentes no sistema financeiro internacional, e fatores internos como a diminuição da carga tributária, queda do nível de poupança do setor público, aumento da dívida pública interna, diminuição da taxa de investimento no setor privado e pública. Todos estes fatores ajudaram a fazer da década de 80, uma década perdida a nível de crescimento econômico sustentado, como diagnosticaram alguns especialistas na área econômica. A cidade de Salto por sua vez fazendo parte deste contexto nacional não ficou de fora da crise.

ANEXO 1



Digitalizada com CamScanner

Parte II – Uma análise econômica

Capítulo IV – Dados estatísticos do crescimento econômico da cidade de Salto

Os dados econômicos da cidade de Salto, referentes ao crescimento populacional, estrutura de emprego, estabelecimento comercial, posição entre os municípios mais desenvolvidos do país e estrutura de renda da P.E.A – população economicamente ativa, trarão melhor compreensão no que diz respeito ao seu desenvolvimento, mostrando de forma significativa os resultados dos ciclos industriais, e quais as consequências deste crescimento industrial para a cidade e sua população, elucidando também às futuras áreas de concentração econômica.

Crescimento populacional de Salto - gráfico nº 1

No período de 1884 até 1985, o que perfaz um total de 101 anos, Salto mostra um crescimento populacional de 8.222%. No ano de 1884 tinha uma população de 781 habitantes passando a 65.000 no ano de 1985. Destacando a década de 70 com um crescimento populacional mais acentuado.

Analisando o gráfico do período de 1884 a 1910, nota-se um crescimento populacional de 540%, de 781 passando para 5.000 habitantes, que teve como causa o primeiro ciclo industrial no município. Conforme relatado no capítulo III.

O crescimento populacional do período de 1910 a 1950 não mostra o mesmo avanço como nas décadas anteriores, com um crescimento de apenas 128% em 40 anos – ano de 1910, cerca de 5.000 e no ano de 1950 um total de 11.400 habitantes – mostrando a estagnação do crescimento industrial no município. Período da hegemonia da empresa Brasital S/A, como foi descrito no capítulo III – Segundo Ciclo Industrial.

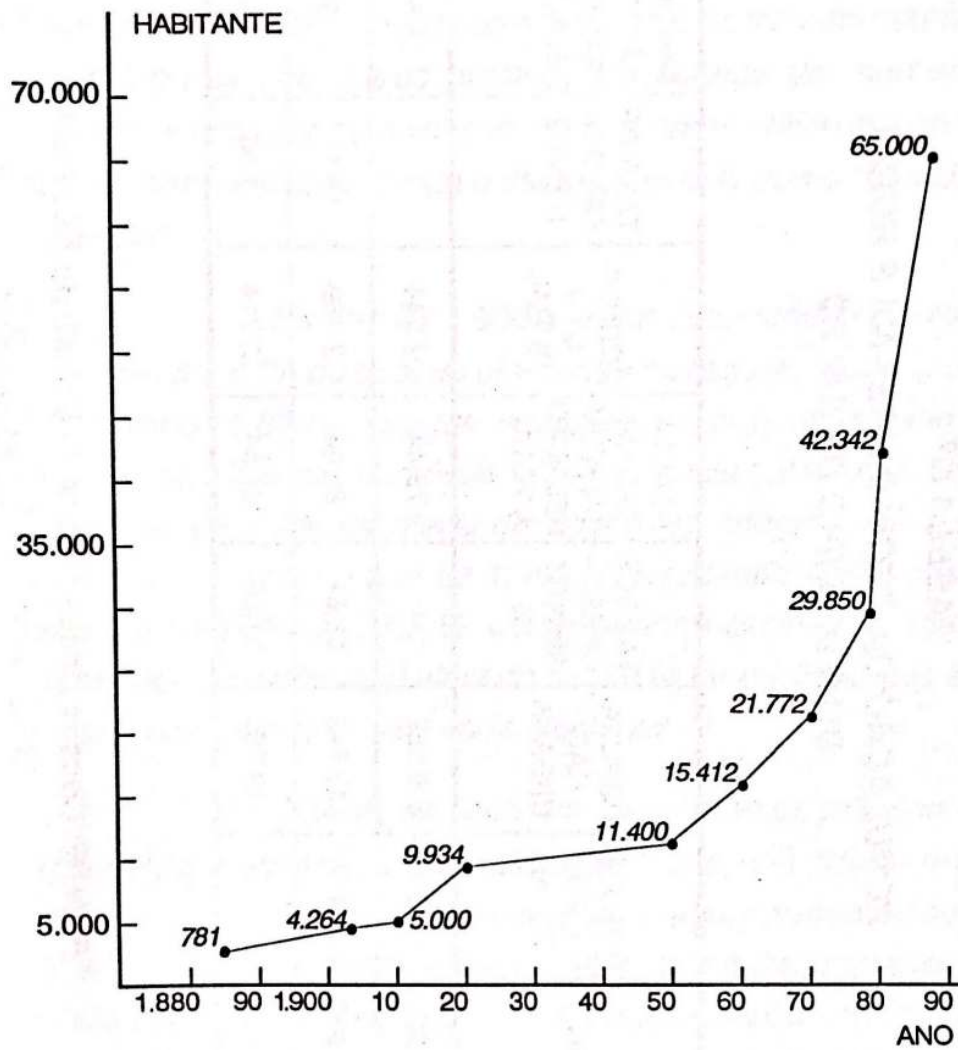
Por fim, no período de 1970 à 1985, a cidade registra um crescimento populacional de 198%, de 21.772 para 65.000 habitantes, ressaltando que os fatos que proporcionaram este crescimento foram sem dúvida, o terceiro ciclo de industrialização e a imigração uma vez mais de 10.000 trabalhadores de outros estados e municípios que fixaram residência em Salto, aumentando sua população em 117%, de 29.850 para 65.000 habitantes em apenas 7 anos (de 1978 à 1985).

Concluindo portanto, que o crescimento populacional da cidade de Salto, que vinha até o ano de 1950 – utilizando o ano base de 1884 como referência – registrando um crescimento médio de 161 habitantes por ano, número razoável pela estrutura econômica da cidade,

passa a 1.531 habitantes por ano – utilizando como referência o ano de 1950 à 1985. Utilizando esta média para uma projeção, o município deverá ter no ano 2000 aproximadamente 88.000 habitantes.

Analisando a população rural e urbana do município (tabela, nº 1), verifica-se que no ano de 1950, a população rural era de 2.344, o que representa 20,56% da população total que era de 11.400 habitantes. A maior parte dos moradores viviam na área urbano (9.056 habitantes) representando 79,44% do total. No ano de 1960, a diferença entre moradores da região urbana e rural aumenta ainda mais, chegando a região urbana a apresentar 82,04% do total da população da cidade e a região rural apenas 17,96%. Já no ano de 1970, verifica-se que o município de Salto encontra-se com uma população de 21.772 habitantes, registrando somente na região urbana 19.058 moradores, o que representa 87,54% do total, e na região rural 2.714 o que dá 12,46%. Esta diferença se dá pelo fato do município ter suas bases produtivas em maior parte voltadas para o setor secundário - indústria de transformação – e também pelo fato das indústrias estarem instaladas na região urbana, sendo assim, os operários fixam residências próximas ao local de trabalho, fazendo com que na região rural ficasse apenas os que nela produzissem, desenvolvendo o setor primário – agricultura, pecuária, pesca, extração – que é pouco significativo economicamente para o município.

GRÁFICO Nº 1
CRESCIMENTO POPULACIONAL DE SALTO



FONTE: Dissertação de mestrado Anicleide Zequini Rossi.
CENSOS DEMOGRÁFICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO
IBGE 1.930, 1.940, 1.950, 1.960, 1.970, 1.980.

Digitalizada com CamScanner

TABELA Nº 1
POPULAÇÃO DA REGIÃO URBANA E RURAL
DO MUNICÍPIO DE SALTO

ANO	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA	TAXA DE CRESCIMENTO %	POPULAÇÃO URBANA EM RELAÇÃO À TOTAL %	POPULAÇÃO RURAL	TAXA DE CRESCIMENTO %	POPULAÇÃO RURAL EM RELAÇÃO À TOTAL %
1.950	11.400	9.056		79,44	2.344		20,56
1.960	15.412	12.643	39,61	82,04	2.769	18,13	17,96
1.970	21.772	19.058	51,00	87,54	2.714	- 2,00	12,46

FONTE: Censos Demográficos do Estado de São Paulo
 IBGE - Ano 1.950, 1.960, 1.970.

Digitalizada com CamScanner

Estrutura de emprego

Observando o crescimento da estrutura de emprego no município de Salto, verificamos que do ano de 1940 à 1980 o setor secundário – indústria de transformação – destacou-se dos outros setores, oferecendo um número maior de empregos à população, confirmando o título informal que a cidade recebeu desde o início do século como “Cidade Industrial”.

No ano de 1980, o setor secundário era responsável por 67% do total de oferta de emprego no município, oferecendo 11.888 empregos, enquanto que o setor terciário – profissionais liberais, comércio – que no ano de 1940 era responsável por 8,7% da oferta de empregos, oferecendo 429 empregos, chega ao ano de 1980, empregando 4.820 com uma participação de 27,2%, demonstrando assim, o crescimento do comércio local além do aumento de profissionais liberais para atender à demanda existente.

Conclui-se que em Salto o setor primário – agricultura, pecuária, pesca, extração – que em 1940, era responsável por 39,9% da oferta de emprego, correspondendo a 1.979 empregos, chega em 1980, com 5,8%, representando 1.018 empregos, o que deixa claro, portanto, que o setor primário cedeu lugar aos outros setores econômicos com a vinda das indústrias para o município.

TABELA Nº 2
ESTRUTURA DE EMPREGO EM SALTO

ANO	TOTAL	TAXA DE CRESCIMENTO %	SETOR PRIMÁRIO	%	SETOR SECUNDÁRIO	%	SETOR TERCIÁRIO	%
1.940	4.954		1.979	39,9	2.546	51,4	429	8,7
1.950	5.384	8,7	1.316	24,4	3.218	59,8	850	15,8
1.960	6.999	30,0	1.215	17,4	3.785	54,0	1.999	28,6
1.970	8.615	23,1	1.115	12,9	4.352	50,5	3.148	36,6
1.980	17.736	106,0	1.018	5,8	11.888	67,0	4.830	27,2

FONTE: Salto: Indústria, Rio e Espaço na visão de um Arquiteto.
Autor José Roberto Merlin. Dissertação de mestrado. USP. São Carlos, 1.986. Pág. 64.

Estabelecimentos comerciais – varejo e atacado

Observando o quadro a seguir, verifica-se que os estabelecimentos comerciais varejistas de Salto, registraram um crescimento de 235% do ano de 1950 à 1980, passando de 82 para 275 estabelecimentos, o que foi resultado dos ciclos de industrialização ocorridos respectivamente nas décadas de 50 e 70 que trouxeram mais trabalhadores para a cidade. Nota-se que a média de pessoas ocupadas por estabelecimento cresceu, pois em 1950 a média era de 2 pessoas por estabelecimento e no ano de 1980, passa para 3,2 pessoas para cada estabelecimento comercial, deixando claro que o porte médio do comércio local cresceu tanto a nível de planta como de pessoas empregadas, o que aumentou a capacidade de atendimento à população.

Analisando o desenvolvimento do comércio atacadista do município de Salto, do ano de 1950 à 1980, verifica-se nele um crescimento de 28% apenas, passando de 7 para 9 estabelecimentos, o que permite concluir que esse ramo não acompanhou a demanda existente, fazendo com que o comércio local fosse abastecido por atacadista de outras cidades. No entanto, após alguns anos, e apesar do seu fraco desempenho, o comércio atacadista local aumentou em termos do tamanho da planta e do número de pessoas empregadas (que passou de 1,42 para 12 pessoas por estabelecimento).

Ao analisar o comércio de varejo e atacado da cidade de Salto, conclui-se que apesar do crescimento dos estabelecimentos e do seu fortalecimento com o passar dos anos, o comércio não apresenta grande variedade e nem preço atrativo, o que faz com que um número razoável de consumidores se dirija para outras cidades da região, principalmente Itu, Campinas, Sorocaba e São Paulo para realizarem suas compras, fato que de certa forma preocupa os comerciantes locais, que tentam dentro de suas possibilidades atendê-los.

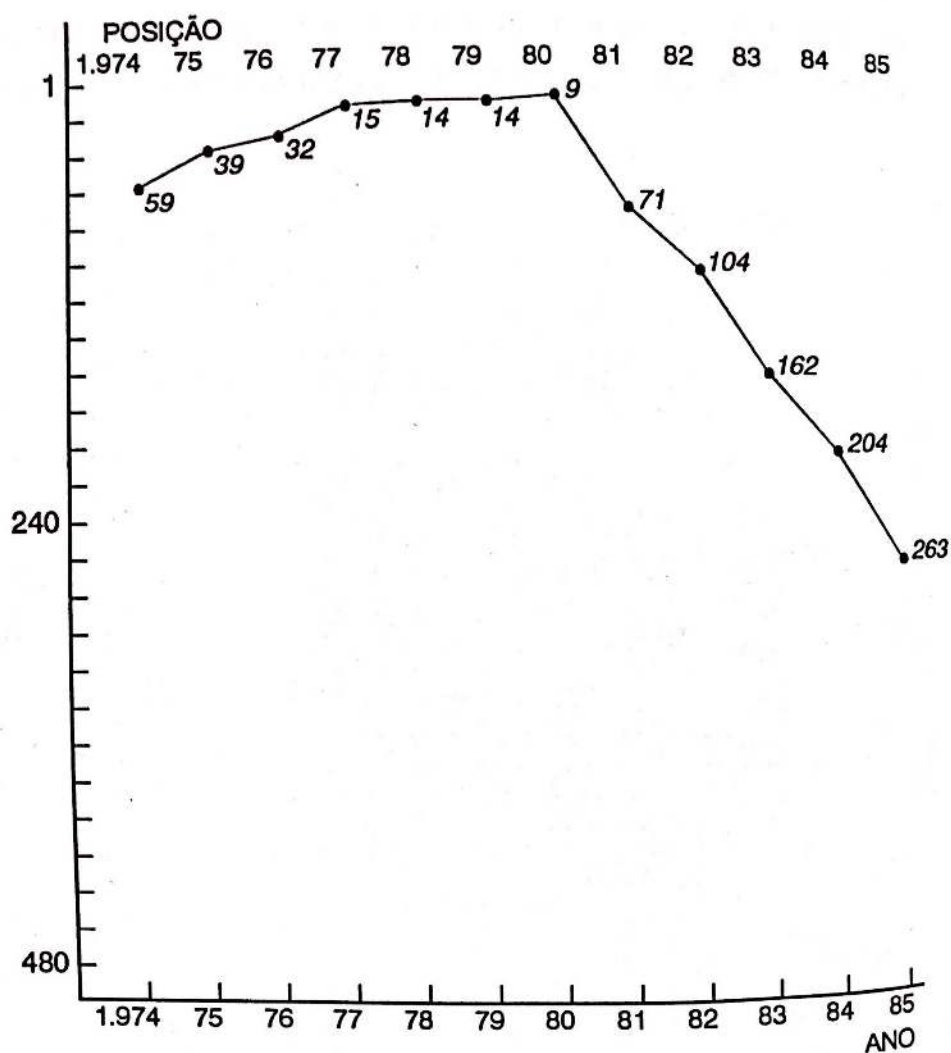
TABELA Nº 3
ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS
VAREJO E ATACADO.

ANO	VAREJO				ATACADO			
	ESTABELECIMENTOS	TAXA DE CRESCIMENTO %	PESSOAS OCUPADAS	MÉDIA POR ESTABELECIMENTO	ESTABELECIMENTOS	TAXA DE CRESCIMENTO %	PESSOAS OCUPADAS	MÉDIA POR ESTABELECIMENTO
1.950	82		161	2,00	7		10	1,42
1.960	111	35,0	220	2,00	9	29,0	19	2,10
1.970	192	73,0	474	2,40	8	-11,0	30	3,70
1.980	275	43,0	902	3,28	9	12,5	109	12,00

FONTE: Censos Demográficos do Estado de São Paulo
 IBGE 1.950, 1.960, 1.970, 1.980

Digitalizada com CamScanner

GRÁFICO Nº 2
POSIÇÃO DA CIDADE ENTRE OS 500 MUNICÍPIOS
MAIS DESENVOLVIDOS DO PAÍS.



FONTE: Revista Dirigente Municipal do Grupo Visão, das publicações dos anos de 1.974, 1.975, 1.976, 1.977, 1.978, 1.979, 1.980, 1.981, 1.982, 1.983, 1.984, 1.985.

Digitalizada com CamScanner

Estrutura de renda em salários mínimos da população economicamente ativa do município – ano de 1980, gráfico nº 3

Ao observa a renda da P.E.A de 1980, verifica-se que 49,67% da população saltense o que representava 8.809 trabalhadores, ganhava de 0 até 2 salários mínimos, resultando em um quadro de poder aquisitivo insuficiente para uma vida digna de qualquer população, classificando a população da cidade de Salto como “operária” – trabalhadores industriais assalariados.

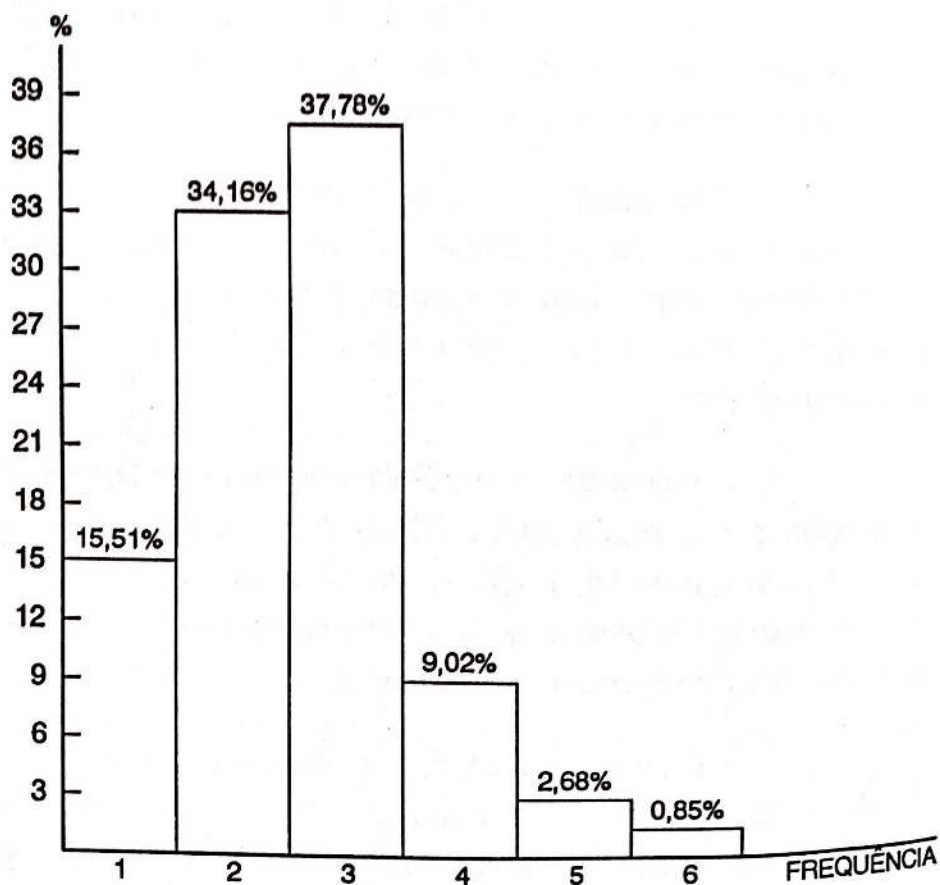
Na faixa de mais de 2 até 5 s.m. encontra-se em Salto 37,78% da população, o que representa 6.700 trabalhadores, contando entre eles, líderes, encarregados, supervisores de obra, profissionais de nível médio, pequenos proprietários.

Acima de 5 s.m. Salto possui 12,55% de sua população, o que representa 2.226 trabalhadores, entre os quais de nível superior, profissionais liberais, proprietários, representando essa pequena parcela a classe média alta do município, fato comum em todo o Brasil.

Concluindo, verifica-se que na formação da P.E.A. da cidade de Salto, grande parte dos trabalhadores da cidade, 71,45% que apresenta cerca de 15.000 operários percebe salários que vão até 3 s.m. quantia insuficiente para a sua sobrevivência, o que faz com que boa parte de sua população viva subnutrida e em sub-moradias, semelhante a toda cidade em desenvolvimento no país.

GRÁFICO Nº 3
ESTRUTURA DE RENDA DA POPULAÇÃO
ECONOMICAMENTE ATIVA - ANO 1.980
EM SALÁRIOS MÍNIMOS.

1 - Até 1 S.M. 3 - +2 até 5 S.M. 5 - +10 até 20 S.M.
2 - +1 até 2 S.M. 4 - +5 até 10 S.M. 6 - mais que 20 S.M.



FONTE: *Dissertação de mestrado José Roberto Merlin, USP*
São Carlos, 1.986, pág. 66.

Digitalizada com CamScanner

Conclusão

Ao analisar a história econômica do município de Salto, conclui-se que o crescimento industrial que projetou o município na região no último quartel do século XIX, deve-se muito à presença do rio Tietê que teve grande importância como meio de transporte e de força motriz, a chegada da estrada de Ferro Ituana (1873), que também contribuiu para que esse desenvolvimento acelerasse, sem que, contudo, se possa deixar de enfatizar a importância que tinha na época a cidade de Itu – que compreendeu Salto como distrito até 1889 – no contexto regional e nacional.

A cidade de Salto atraiu muitas indústrias registrando três ciclos de industrialização em menos de um século, resultando seu fortalecimento como parque industrial da região, que chegou no ano de 1980 a oferecer no setor secundário 67% da oferta de empregos existentes no município, caracterizando a cidade como de industriários.

Percebe-se hoje, que as tendências econômicas futuras ficam por conta do setor secundário que deve permanecer como maior fonte de renda do município. No entanto, urge que o setor terciário ocupe seu espaço na economia saltense, através de maior investimento em variedade de artigos, *lay-out*, modernização de atendimento e preço competitivo com o mercado da região (Itu, Sorocaba, Campinas e São Paulo).

Futuras pesquisas poderão somar com os dados históricos-econômicos aqui apresentados, pois o município cresce dia a dia e os imigrantes e migrantes que para aqui vêm, trazem novas culturas, novas necessidades, fazendo com que o velho Tietê e seu belo salto de água destaquem-se cada vez mais neste país, que precisa de força econômica dos pequenos e dos grandes municípios para seu “salto” rumo ao progresso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLARI, Luiz - História de Salto - Gráfica Taperá, Salto, SP, 1.971.

CASTRO, Antonio Barros de & SOUZA, Francisco Eduardo Pires de - A Economia Brasileira em Marcha Forçada - 2ª Edição, São Paulo, SP, Editora Paz e Terra, 1.988.

FURTADO, Celso - formação econômica do brasil 22ª Edição, São Paulo, SP, Companhia Ed. Nacional, 1.987.

IBGE, Censo Agrícola, Industrial e Comercial do Estado de São Paulo dos anos 1.930, 1.940, 1.950, 1.960, 1.970, 1.980.

LIBERALESSO, Ettore - Salto: História, Vida e Tradição - São Paulo, SP, Editora Imprensa Oficial do Estado S/A, 1.987.

MANTEGA, Guido - A Economia Política Brasileira - 6ª Edição, Rio de Janeiro, Editora Vozes Limitada, 1.991.

MELLO, João Manuel Cardoso de - O Capitalismo Tardio - 8ª Edição, São Paulo, SP, Editora Brasiliense, 1.981.

MERLIN, José Roberto - Salto: Indústria, Rio e Espaço na Visão de um Arquiteto - São Carlos, SP, Dissertação de mestrado, USP, São Carlos, 1.986.

RANDI, Adriano - Ensaio para a História do Jornalismo da cidade de Salto - Itu, SP, Gráfica Nossa Senhora Aparecida LTDA., 1984.

RANDI, Adriano - Município de Salto - Rio de Janeiro, Editora IBGE, 1.959.

REVISTA - Dirigente Municipal do Grupo Visão - Edição Anual. Anos 1.974, 1.975, 1.976, 1.977, 1.978, 1.979, 1.980, 1.981, 1.982, 1.983, 1.984, 1.985.

ROSSI, Anicleide Zequini - O Quintal da Fábrica - Dissertação de Mestrado, Editora UNICAMP, 1.991.

SEMEGHINI, Ulisses - Do café à Indústria, uma cidade e seu tempo, Editora UNICAMP, 1.991.

SERRA, José et alii - Desenvolvimento Capitalista no Brasil. Ensaios sobre a crise - vários autores, 3ª Edição, Editora Brasiliense, 1.984, São Paulo, SP

Capa do livro que foi publicado no ano de 1994

